

BIELORRÚSSIA

A oposição do outro lado da fronteira

Sviatlana Tsikhanouskaya, principal opositora ao presidente da Bielorrússia, que governa o país há quase três décadas, defende que "sem uma Ucrânia livre, não haverá liberdade para a Bielorrússia, e vice-versa". Quer ser voz ativa na mudança, e continuar a mobilizar os seus compatriotas e a comunidade internacional.

Ana Pina
apina@jornaleconomico.pt

No dia 2 de março, Sviatlana Tsikhanouskaya, ativista dos Direitos Humanos e principal opositora ao presidente da Bielorrússia, Alexander Lukashenko, lançou um manifesto de "mobilização antiguerra" nas redes sociais. Apelou ao povo bielorrusso para não apoiar a guerra na Ucrânia, para se colocar do lado certo da História, e pôs novamente o dedo na ferida, realçando a ilegitimidade de Lukashenko, acusando-o de praticar um "crime" em conjunto com a Rússia e de violar a legislação do país, em particular o Tratado de Amizade assinado entre a Bielorrússia e a Ucrânia, em 1995.

O manifesto tem três grandes objetivos: fornecer assistência aos bielorrussos na Ucrânia, combater a desinformação e propaganda sobre o envolvimento da Bielorrússia na crise da Ucrânia, e impedir o regime bielorrusso de ajudar a Rússia na sua agressão contra a Ucrânia.

Sviatlana Tsikhanouskaya esteve recentemente na capital espanhola, onde participou numa conversa com público presencial e virtual, a convite do Club de Madrid, uma organização sem fins lucrativos internacional e apatridária. Durante a iniciativa, intitulada "Combater os autoritarismos", à qual o Jornal Económico se juntou virtualmente, Tsikhanouskaya recordou que, tecnicamente, a Bielorrússia não fazia parte do conflito, mas tornou-se uma "plataforma de lançamento" para a Rússia com a connivência do regime Lukashenko.

As concessões de Lukashenko
Moscou trava uma guerra na Ucrânia, ao passo que na Bielorrússia tem vindo a promover uma ocupação "suave", sem disparar um único tiro. As razões são várias e têm raízes no passado. Económicas por um lado, visto ser através da Bielorrússia que passam 20% das exportações de energia da Rússia para a União Europeia; e de segurança, por outro, pois trata-se do caminho mais curto para a Rússia ter acesso ao Mar Báltico, i.e., através do corredor Suwalki, uma faixa de 95 km na fronteira polaco-lituana que não se encontra sob controlo russo.

Mas também se prendem com motivos mais recentes, como a fragilidade do regime Lukashenko, cuja vitória nas eleições de 9 de agosto de 2020 é contestada. Ao reforçar a sua lealdade a Putin, tentou apagar as tensões que haviam emergido em 2014, quando Minsk procurou mediar a crise ucraniana e não reconheceu a anexação da Crimeia pela Rússia. Des-

de os protestos de 2020, porém, a dependência de Lukashenko do Kremlin para se manter no cargo aumentou consideravelmente, e a dependência económica do regime afinou pelo mesmo diapasão.

Mais. Além de fazer concessões políticas e de revogar a posição neutra da Bielorrússia face à Crimeia, reconhecendo-a como parte integrante do território russo, também fez concessões militares significativas. A isto soma-se a adoção, em novembro de 2021, de uma nova doutrina militar no âmbito do Estado da União da Rússia e da Bielorrússia, que defende uma cooperação bilateral mais estreita. Resultado? Moscou avançou para exercícios militares em território bielorrusso nas semanas que antecederam a invasão da Ucrânia. E, no início de fevereiro, a Reuters noticiava que, segundo um relatório da NATO, haveria 30.000 soldados russos na Bielorrússia ("NATO says Russia to have 30,000 troops on drills in Belarus, north of Ukraine", 3FEV22).

A 27 de fevereiro, três dias depois da invasão, o Governo de Minsk aprovou uma revisão constitucional que pôs fim à neutralidade nuclear do país. Mais um passo na submissão ao Kremlin, mais um golpe para os desmoralizados soldados bielorrussos recrutados para integrar o exército russo e mais uma razão para aumentar o sentimento antiguerra entre a população bielorrussa.

A semântica importa, mas acima de tudo a convicção
Quando lhe chamam líder da oposição democrática bielorrussa, Sviatlana Tsikhanouskaya evita o

termo e diz que o seu movimento é a "voz da maioria". Isto porque a maioria dos bielorrussos votaram a seu favor nas eleições de 9 de agosto de 2020. "As pessoas não acreditam nos resultados. Sabem que são fraudulentos", sublinha a mulher que se tornou o rosto de todos os que querem afastar Lukashenko do poder. Não esquece que nos primeiros quatro dias de protestos por fraude eleitoral nas eleições presidenciais, cerca de 7.000 pessoas foram detidas, centenas ficaram feridas e quatro morreram.

Nada de novo num país que se encontra sob a mão de ferro de um homem que se perpetua no poder desde 1994, e que enfrentou protestos em 2006 e 2010 na sequência de vitórias eleitorais tidas como fraudulentas. Mas não só. A gestão da pandemia pelo regime – ou a não gestão, visto Lukashenko ter declarado a Covid-19 uma "psicose coletiva", recusando-se a adotar medi-

das para conter a propagação e recomendando, ao invés, trabalho árduo, vodka e sauna –, deu maior força à oposição. Quando foi declarada a "vitória" de Lukashenko com mais de 80% dos votos, dezenas de milhares de pessoas saíram à rua em todo o país para protestarem contra as eleições fraudulentas.

A extraordinária sucessão de acontecimentos que colocaram esta mulher na rota de colisão de Alexander Lukashenko não lhe subtraiam o medo, mas tornaram-na mais pragmática. Da mesma forma que não lhe minaram a convicção. Tsikhanouskaya não desiste de acreditar que é possível vir, um dia, a viver num país democrático e próspero.

"A Ucrânia vai ganhar a guerra"

Na conversa moderada por Cristina Manzano, diretora da ESGlobal e IE Insights, e membro da admi-

nistração do Club de Madrid, Sviatlana Tsikhanouskaya foi confrontada com a possibilidade de a Ucrânia conseguir travar a Rússia e pôr fim à guerra. Seria essa circunstância uma janela de oportunidade para a oposição bielorrussa?

"Não é uma questão de «se» mas «quando» a Ucrânia ganhar a guerra. E aí será uma janela de oportunidade para os bielorrussos se revoltarem contra o regime. Na luta que travamos todos os dias, não estamos sentados à espera que alguma coisa aconteça, estamos envolvidos na criação de organizações e de novas formas de comunicar (novos media), e na promoção de diversas iniciativas para fortalecer a sociedade civil. Isto para que, quando surgirem essas janelas de oportunidade, possamos estar preparados para assegurar de forma suave este período de transição. Daí que o povo bielorrusso tenha a obrigação, o dever,

de apoiar a Ucrânia nestes tempos difíceis para a nossa região, porque entendemos que o destino da Ucrânia e da Bielorrússia estão profundamente interligados. Sem uma Ucrânia livre, não haverá liberdade para a Bielorrússia, e vice-versa".

"Com a ajuda do povo russo, com o apoio dos países democráticos e com a vitória da Ucrânia, os bielorrussos vão poder aproveitar essa janela e nós estamos preparados para isso. Nessa altura, o país poderá libertar-se do regime de Lukashenko, porque se a Ucrânia vencer isso significa que Lukashenko estará particularmente fragilizado. A missão da comunidade internacional, no que respeita à Bielorrússia, é ser consistente, não é deixar-se enganar novamente, porque Lukashenko agora atua como se fosse um «fazedor da paz» – a narrativa é «não estamos envolvidos nesta guerra»; «procuramos

uma saída para a guerra»; «no sabemos dos planos de Putin», etc. Está a mentir, é cúmplice de Putin e tem de assumir total responsabilidade pelos seus atos".

Até que ponto isto implica mudar a atual estratégia para que a oposição possa beneficiar dessa situação? "É um privilégio dos países democráticos valorizar e persistir no diálogo, mas só pode haver diálogo quando há duas partes dispostas para o fazer. Antes da guerra começou houve diversas tentativas de diálogo, mas a Rússia respondeu a este apelo com ataques. Na Bielorrússia acontece a mesma coisa. Também queremos resolver os nossos problemas através do diálogo, para podermos construir uma sociedade mais sustentável. Contudo, é muito importante percebermos que, para a outra parte querer encetar diálogo, isso implica pressão. Só esta linguagem poderá funcionar com regimes dita-

Anne-Marie Boonberg

toriais. Por isso, acreditamos que, no caso da Bielorrússia, só colocando forte pressão sobre pontos sensíveis do regime é que conseguiremos fazê-lo perceber que apenas poderemos sair desta situação através do diálogo".

"Por essa razão, temos pedido para que exerçam mais pressão política, económica. Todos os dias nascem associações e outras formas de iniciativa popular para lembrar ao regime que «estamos aqui, não desistimos». Lukashenko está a tentar comunicar com alguns países europeus. Recentemente, o ministro dos Negócios Estrangeiros enviou uma carta a diplomatas europeus, no sentido de abrir uma nova frente de diálogo. Sabem que o regime não é reconhecido, mas há condições que permitem iniciar um diálogo, como libertar os presos políticos – cujo número não para de crescer – e parar a repressão na Bielorrússia. Depois, talvez esse diálogo seja possível, com a mediação de países terceiros ou de organizações como a OCDE. Mas este diálogo deve ser feito entre o regime e os cidadãos bielorrussos, e não entre o regime e os países europeus. Democracia significa diálogo, comunicação, consenso, debate. Mas como percebemos que a outra parte não está preparada, importa criar as condições para que isso aconteça".

A Bielorrússia democrática está a ser desenhada

Importa saber se a comunidade internacional tem feito o necessário, e se os instrumentos disponíveis são os mais suficientes para fazer vergar o autoritarismo ou se é preciso repensar todo o sistema. "A minha entrada na política foi inesperada, mas desde o início que acreditei que a Europa, pelo menos, dispunha de organizações tão fortes como a OCDE, e estruturas como o Conselho Europeu, que seriam capazes de apoiar o nosso movimento. Acreditei nisso verdadeiramente! E pouco a pouco comecei a perceber que estas instituições operam em sociedades democráticas, mas que às vezes não têm ferramentas suficientes para ajudar a enfrentar e derrubar ditadores. No entanto, temos de usar todos os instrumentos que as instituições europeias nos proporcionam".

Nesta conversa houve ainda espaço para falar nos pequenos gestos que, todos os dias, os bielorrussos põem em prática para se opor ao regime. "Pequenas coisas como enviar uma carta a um preso político podem ter graves consequências e levar à prisão, mas são importantes. Nas aldeias são distribuídos jornais artesanais por toda a população. Quem faz isto pode ser preso. Quem segue redes ditas «extremistas», como o TikTok, YouTube, Instagram, também pode ser preso. Quem pensa em pôr em prática um «ato de terrorismo», segundo a definição do regime, estará sujeito a prisão e pena de morte".

Desde 27 anos, ninguém quis envolver-se na política porque ninguém acreditou que se podia fazer ou mudar alguma coisa. Vai levar tempo até convencer as pessoas de que a realidade não é aquilo que lhe «venderam» nestes anos todos... E isto é muito importante, tal como mostrar aos bielorrussos como será esse novo país, que seremos bem recebidos pela família dos países europeus e que teremos o seu apoio. Porque? Porque durante 27 anos Lukashenko sempre disse: «não têm mais ninguém à vossa espera. Sou o vosso único pai, aquele que toma conta de vocês. Ninguém precisa de vocês na Europa». Agora percebemos que podemos ter apoio para ser um país democrático, um país próspero. E as pessoas conseguem vislumbrar o futuro do país, e são cada vez mais aqueles que participam no nosso movimento, na nossa revolução".

A mensagem da convidada, galardoada com o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento de 2020 – a par de um conjunto de figuras da oposição bielorrussa –, prossegue, colocando a tónica nos mais jovens e na mudança de mentalidades.

"Para as gerações mais velhas, que viveram sob o regime soviético e Lukashenko, é muito difícil aceitar que existe outra realidade. Uma grande percentagem da população bielorrussa nunca viajou, nunca saiu do país, não sabem como é a vida na Europa, nos EUA. A propaganda é muito agressiva: todos os dias são bombardeados com «notícias» como não há sal nem açúcar na Polónia e na Lituânia, por exemplo. Passa-se fome nesses países – é essa a narrativa do regime. Isso faz com que os mais velhos tenham medo da democracia é uma coisa horrível, pois há gente a passar fome".

"No fundo, a Rússia quer arrastar-nos de volta ao passado e impedir-nos de ter um futuro melhor. Mas os mais jovens, com a ajuda da tecnologia e a possibilidade de viajar, podem ver o mundo. Por isso, os velhos valores soviéticos não irão prevalecer, a ditadura não irá resistir. Na Rússia, Moscovo e São Petersburgo são mundos à parte. O resto da Rússia é pobre e vive com dificuldades. Repito: as novas gerações estão a crescer e cada vez haverá mais pessoas a perceber a importância da democracia, da paz e da liberdade".

Tsikhanouskaya acredita que a Rússia também poderá mudar de rumo, mas acima de tudo apela ao apoio e solidariedade dos países democráticos.

"Diria que a Rússia caminhará nesse sentido, mas mais lentamente pois é um país enorme. Mas também gostaria de dizer que todos os países que já são e consolidaram as suas democracias, têm o dever de apoiar os países que ainda estão em busca desses valores. Por isso deixo o meu apelo: apoiem a Ucrânia, apoiem a Bielorrússia e todos os países que lutam pela Democracia. É muito importante sentir que não fomos abandonados, que existe um poder democrático que está conosco, nos inspira, nos dá ânimo e coragem para perseverar! ■